

PAGEBOY

memórias



Elliot Page

M O G A I S

Índice

<i>Nota do autor</i>	11
1. Paula	17
2. A aposta na sexualidade	21
3. Rapaz	29
4. Figuras de ação	39
5. Empurrões	45
6. Susto	57
7. Sanguessugas	71
8. Idiota famoso na festa	79
9. Pink Dot	85
10. Aquele pequeno <i>indie</i>	91
11. Apenas uma brincadeira	105
12. <i>Roller derby</i>	117
13. Baldes	127
14. <i>U-Haul</i>	143
15. «Ryan»	153
16. <i>Slip</i> de banho	159
17. Acidente	165
18. Intuição	173
19. Old Navy	181
20. Só tens de te inclinar	191
21. Healthy Way	199
22. <i>Linha Mortal</i>	203
23. Inversão de marcha	211
24. O teu pai celestial	217

25. Escolhendo a família	241
26. Máscara.	253
27. Portal	265
28. Não há palavras	273
29. Peaches	281
<i>Agradecimentos</i>	285

Nota do autor

Escrever um livro foi uma ideia que surgiu algumas vezes ao longo dos anos, mas nunca me pareceu certo e, francamente, nem possível. Eu mal conseguia sentar-me, quanto mais permanecer parado o tempo suficiente para completar tal tarefa. A energia do meu cérebro estava a ser desperdiçada, um gotejar incessante que tentava esconder e controlar o meu desconforto. Mas agora é diferente. Novo. Finalmente, posso sentar-me comigo mesmo, neste corpo, presente — a escrever durante horas, com o meu cão *Mo* a apanhar sol, as minhas costas mais direitas, a minha mente mais tranquila. Este contentamento anteriormente inimaginável não teria chegado sem os cuidados de saúde que recebi, e, à medida que os ataques contra os cuidados de saúde de género aumentam, juntamente com os esforços para nos silenciar, parece ser o momento certo para passar as palavras para papel.

Por isso aqui estou eu, agradecido e aterrorizado, a escrever diretamente para ti. As pessoas trans enfrentam uma violência física crescente, e a nossa humanidade é regularmente «debatida» nos meios de comunicação social. E quando nós próprios temos a oportunidade de contar as nossas histórias, as narrativas *queer* são muitas vezes colocadas à parte ou, pior ainda, universalizadas — uma pessoa torna-se um exemplo que não se diferencia dos outros. Há um número infinito de formas de ser *queer* e trans, e a minha história fala apenas de uma. Como digo mais adiante nestas páginas, somos apenas um grão neste universo, e espero que, ao contar a minha verdade, tenha acrescentado mais um grão

para dissipar a constante desinformação relativamente a vidas *queer* e trans. Se ainda não o fizeste, peço-te que procures muitas outras narrativas vastas e variadas de escritores, ativistas e indivíduos LGBTQ+. O movimento para a libertação trans afeta-nos a todos. Todos nós experimentamos o género de forma alegre e opressiva de diferentes maneiras. Como Leslie Feinberg escreve em *Trans Liberation*: «Este movimento dar-te-á mais espaço para respirares — para seres tu mesmo. Para descobrires, a um nível mais profundo, o que significa seres tu mesmo.»

Ao escrever esta história, procurei recordar cada momento o melhor que consegui. Quando não me conseguia lembrar dos detalhes, fui ter com aqueles com quem partilhei essas experiências para obter mais clareza. Alguns nomes foram alterados e algumas outras especificidades foram também modificadas quando necessário para proteger a identidade de determinadas pessoas. Em alguns pontos, referi-me a mim próprio usando o meu nome e pronomes anteriores. Esta escolha pareceu-me ocasionalmente certa, quando me queria referir ao meu eu passado, mas não é um convite para que alguém o faça. É também importante notar que, embora na minha vida o género e a sexualidade tenham sido sempre tema de conversa, são duas coisas distintas. Assumir-me como *queer* foi uma experiência totalmente diferente de me assumir como trans, e quem eu sou evoluiu à medida que me libertei das expectativas dos outros. Estas memórias moldam uma narrativa não linear, porque ser *queer* é intrinsecamente não linear, fases que nos vergam e outras que nos dão alento. Dois passos à frente, um passo para atrás. Passei grande parte da minha vida a afastar-me da direção que me conduzia à verdade, assustado por poder causar um colapso. Isto reflete-se intencionalmente nas páginas deste livro. Em muitos aspetos, este livro é a história da minha descoberta.

O ato de escrever, ler e partilhar a multiplicidade das nossas experiências é um passo importante para fazer frente àqueles que nos desejam silenciar. Não tenho nada de novo ou profundo

a dizer, nada que não tenha sido dito antes, mas sei que os livros me ajudaram, salvaram até, por isso, talvez isto possa ajudar alguém a sentir-se menos só, independentemente de quem é ou de qual seja a sua jornada. Obrigado por queres ler sobre a minha.

A handwritten signature in black ink, consisting of the letters 'EPB' in a stylized, cursive font.

Este mundo tem muitos fins e começos
Um ciclo termina, será que algo irá permanecer?
Talvez uma faísca, uma vez tão brilhante, floresça novamente.

BEVERLY GLENN-COPELAND, «A Song and Many Moons»

PAULA

Conheci a Paula quando tinha vinte anos. Sentada no sofá de uma amiga em comum, a comer amêndoas com os joelhos junto ao peito, ela apresentou-se:

— Sou a Paula.

O som da sua voz irradiava calor, bondade. Não tanto pela forma como os seus olhos se iluminavam, mas pelo modo como te encontravam. Conseguia senti-la a olhar.

Fomos até ao Reflections. Foi a primeira vez que fui a um bar gay, e seria a última durante muito tempo. Eu era miserável na arte da sedução. Fazia-o quando não tinha essa intenção, e não quando queria. Ficámos perto, demasiado perto. O ar era tão espesso que eu me sentia a nadar através dele.

Nesse verão, levámos o barco de um amigo até uma ilha deserta para acampar. Consumimos cogumelos à volta de fogueiras e cozinhámos salmão embrulhado em folha de alumínio. Estrelas pulsavam, passavam, como se estivessem a formar frases. Os cogumelos sempre me fizeram chorar, mas ela adorou-os, e as minhas lágrimas de ansiedade transformaram-se por fim em alegria. Invejava a autoconfiança que ela tinha no seu corpo. Dançámos na praia. Uma guitarra estava a ser dedilhada e, à vez, tocávamos *covers* que soavam mal.

Eu tinha acabado de regressar de uma viagem de um mês pela Europa de Leste, de mochila às costas, com o meu melhor amigo de infância, o Mark. Começámos em Praga e apanhámos o comboio para Viena, Budapeste, Belgrado e Bucareste. Ficámos em *hostels*, exceto um dia, em que pernoitámos em Bucareste, quando

o Mark estava tão doente que optámos por ficar num quarto de hotel com ar condicionado. Comprei fatias de queijo embaladas individualmente e coloquei-as no pequeno congelador de um pequeno frigorífico num igualmente pequeno quarto de hotel. Esperámos que esfriassem, e pressionei-lhe panos húmidos na parte de trás do pescoço e ao longo da coluna. Quando as fatias de queijo congelaram, coloquei-lhas pelo corpo todo, o que pareceu ajudar um pouco. O quarto tinha um *jacuzzi*. Sentámo-nos nele sem o encher e fomos passando os canais de televisão, parando num filme pornográfico que, por coincidência, também se passava num *jacuzzi*. O Mark comeu o queijo.

Isto foi antes dos *smartphones*. Navegando por comboios, *hostels*, homens, tudo somente com um guia. Íamos a cafés que tinham computadores com acesso à Internet para enviar uma mensagem para casa. «Olá, estamos vivos». Enviava um *e-mail* à Paula, cheio de desejo por ela. Pensava nela constantemente — enquanto andávamos pela Áustria, a olhar para um mar de girassóis; enquanto bebia cerveja de mirtilo numa cave em Belgrado, de lábios roxos, cabeça à roda, como da última vez que nos beijámos, que por acaso foi também a primeira vez; numa viagem de comboio de doze horas de Belgrado a Bucareste durante uma das piores ondas de calor das últimas décadas. Eu e o Mark deitámo-nos ao lado um do outro no mesmo beliche, de janela aberta e com as nossas cabeças o mais próximo possível da abertura. Não havia ar condicionado e não tínhamos água. Ouvimos, através de auriculares partilhados, Cat Power e bebemos absinto. *Estás a ouvi-lo ao mesmo tempo? O CD que fiz para ti?*, questionei-me, quase a dizer as palavras em voz alta. Vi a noite passar, a paisagem sérvia, rural, imóvel, com as suas luzes esparsas e efémeras. Pensei na Paula.

Aquele tempo passado no Reflections era novo para mim, estar num espaço *queer* e estar presente, a apreciá-lo. A vergonha havia sido perfurada nos meus ossos desde que eu era uma versão mais pequena de mim, e esforcei-me por livrar o meu corpo daquela

velha medula tóxica e erosiva. Mas havia uma alegria no espaço, que me ergueu e forçou uma reação no meu maxilar, um sorriso descontrolado e constante. A dançar, o suor a escorrer-me pelas costas, pelo peito. Vi o cabelo da Paula a revirar-se e a balançar, enquanto ela se movia sem esforço, caótico mas controlado, sensual e forte. Eu apanhava-a a olhar para mim, ou será que era ao contrário? Queríamos ser apanhados. Como um veado apanhado por faróis. Assustado, mas sem fugir.

— Posso beijar-te? — perguntei, absorto pela minha ousadia, como se viesse de outro lugar, alimentada talvez pela música eletrônica, um circuito de libertação, uma exigência para que deixasse a repressão à porta.

E depois aconteceu. Num bar *queer*. À frente de toda a gente que nos rodeava. Comecei a perceber de que falavam todos aqueles poemas, todo o alarido que os rodeava. Antes, tudo era frio, imóvel, sem emoção. Qualquer mulher que eu tivesse amado não tinha correspondido a esse amor, e aquela que talvez tivesse amou-me da forma errada.

Mas ali estava eu, numa pista de dança com uma mulher que me queria beijar, e a voz antagonista e cruel que me inundava a cabeça sempre que eu sentia que o desejo era silencioso. Talvez, por um segundo, eu pudesse permitir-me ter prazer. Inclínámo-nos para que os nossos lábios se sentissem, as pontas das nossas línguas mal se tocavam, testando-se, enviando choques através dos meus membros. Olhámo-nos nos olhos, um conhecimento tácito.

Ali estava eu no precipício. Aproximando-me dos meus desejos, dos meus sonhos, de mim, sem o peso insuportável da auto-destruição que carregava há tanto tempo. Mas muita coisa pode mudar em poucos meses. E dentro de alguns meses teria lugar a estreia de *Juno*.

A APOSTA NA SEXUALIDADE

«A APOSTA NA SEXUALIDADE DE ELLEN PAGE» — li o título, a cor esvaindo-se do meu rosto. Foi um artigo de Michael Musto no *Village Voice* no auge do sucesso de *Juno*. Li o resto do artigo. Entre as suas especulações sobre a sexualidade de um jovem de vinte anos, Michael incluiu: «Então, como é, será que ela é??? Uma lesbiana! Pelo menos veste-se como uma, tipo, maria-
-rapaz... Vamos reunir as peças fufas. Será a Juno uma que nós sabemos?»

Fui atirado para os holofotes da noite para o dia, mas já me tinham chamado fufa muitas vezes enquanto crescia no Canadá. O *bullying* assumira um novo tom no ensino secundário, desde pequenas brincadeiras das raparigas populares até à cena relativamente dramática de ser fisicamente forçado a ir à casa de banho dos rapazes. Empurrado lá para dentro, com as narinas afetadas por aquele estranho cheiro a urina, esperei um momento, ouvindo a sua alegria a dissipar-se, a diminuir com a distância — apenas para sair e encontrar o rosto sério e severo do meu professor de Inglês a olhar diretamente para mim: «Para a sala do diretor!» Eu pedi desculpa. Não disse que tinha sido empurrado.

Não muito antes de as situações de *bullying* aumentarem, eu tinha partilhado um quarto com uma rapariga chamada Fiona no dormitório da Universidade St. Francis Xavier durante um torneio de futebol. Saint FX localiza-se em Antigonish, uma cidade na ponta noroeste da Nova Escócia, muito perto de Cape Breton. É a anfitriã dos Jogos Highland mais antigos fora da Escócia.

Nova Scotia é a expressão latina para «Nova Escócia», mas a terra chamava-se originalmente Mi'kma'ki. Há mais de dez mil anos que os Mi'kmaq vivem ali.

Ainda me lembro do som da gargalhada da Fiona. Conseguia ouvi-la por cima de qualquer outro ruído, através de toda a estática; entrava pelos meus ouvidos, crescia dentro do meu corpo. Eu queria estar perto dela, queria que ela me quisesse. Eu jogava na posição de médio direito; rápido, pequeno, mas desconexo. Ela era defesa central, a última linha de defesa da nossa equipa e cocapitã com o nosso médio atacante. Era uma líder natural, autoritária, mas gentil. Defendia-nos. Eu adorava vê-la a chutar a bola — com força, fluida e com uma confiança que eu invejava. Estava caidinho por ela.

Deitávamo-nos em camas duras de cada lado do quarto, as paredes forradas com uma madeira escura e de aspeto barato. Eu olhava para o teto e respirava fundo. Manteria aquilo só para mim, ou partilhá-lo-ia? A sensação era muito natural, como se eu estivesse a espiar um potencial futuro.

— Acho que posso ser bissexual — disse isto aparentemente do nada, nunca tendo transmitido algo do género a ninguém.

— Não és nada — respondeu ela de imediato, um reflexo rápido, rindo-se depois de falar.

Desta vez, o som da sua gargalhada foi áspero e cortante. Ainda assim, eu queria rir-me com ela, *quero dizer, ser queer é divertido e mau, certo?* O simples facto de se pronunciar a palavra «homossexualidade» numa aula de Ciências dava origem a uma cacofonia de gargalhadas. Todas as séries de televisão que eu via quando regressava da escola reforçavam isso mesmo. Sempre que uma piada era feita, ou se eu a fizesse, já não dava para fugir; era como merda na sola dos sapatos. Um holofote a mover-se da direita para a esquerda do palco. Eu dançava à volta deles. Como um cão molhado, debatia-me para me limpar, para me livrar disso.

Não consigo lembrar-me do que foi dito depois, apenas do eco da gargalhada e da superfície dura da cama.

Incapaz de dormir, escapei até ao corredor fluorescente por volta das cinco da manhã. Sentei-me no chão para ler. Kurt Vonnegut foi o primeiro escritor de quem realmente gostei, *a torcer o nariz a quem tu sabes*. Estava a ler *Mother Night*, um romance de ambiguidade moral. «Somos o que fingimos ser, por isso devemos ter cuidado com o que fingimos ser», escreveu Vonnegut. Sentado, sozinho no corredor, ruminei essas palavras. A vergonha, com o seu balanço constante, oscilava pelo meu corpo. Algo me escorregou por entre os dedos. Não tinha como apanhá-lo. Esperei pelo nascer do sol.

Todos tomávamos o pequeno-almoço juntos na área comum. Havia *bagels* do Tim Hortons e um saco grande de laranjas trazido por um dos pais. Os adultos observavam, bebendo os seus cafés. Eu comi em silêncio. Não sabia como olhar para a Fiona e achei melhor evitar a situação. Peguei nas minhas caneleiras, com a intenção de chegar cedo ao campo e aquecer para o jogo.

— Fufa.

A palavra atingiu-me no rosto, dita através daquele sorriso diabólico que eu viria a conhecer tão bem. Como se estivesse a vangloriar-se: *Ah, eu não sou como tu*. Veio de um amigo popular da Fiona. E doeu. Uma dor isolada, um pequeno pedaço de linguagem, mas, na verdade, é algo permanente.

As coisas mudaram depois disso. Algo tinha sido danificado. Eu conseguia sentir os sussurros, uma mudança de energia, a especulação. Talvez fosse algo de bom? Aquele dente solto precisava de ser arrancado.

Alguns meses depois, eu e o meu pai estávamos de visita à minha avó em Lockeport, Nova Escócia, uma pequena vila piscatória com uma população de pouco mais de quinhentas pessoas localizada na costa sul da província. Barcos de pesca alinhavam-se no porto, amarrados ao longo do extenso paredão, cores como se fossem luzes de Natal. Amarelo gasto, um vermelho desbotado, vários tons de azul. Um postal da Nova Escócia.

Quando era criança, o meu pai levava-me a Lockeport no primeiro de julho, um feriado da minha terra natal chamado Dia do Canadá. Pensa no dia 4 de julho, mas menos como o dia da independência da Coroa e mais como o «Aniversário de Canada». Sendo uma criança branca a crescer na Nova Escócia, eu não sabia nada da nossa história. Não me ensinaram o grau das nossas raízes genocidas, o racismo sistémico, a segregação.

Pensava que o Dia do Canadá era sobre fogos de artifício, um desfile, bolo de morango na cave da igreja e, o meu evento favorito do primeiro de julho, o «pau de sebo». Um tronco longo e fino era colocado no paredão, projetando-se sobre o porto, com uma longa queda até à água. Era esfregado sebo na madeira dura, sufocando-a. Do outro lado, estendendo-se sobre o oceano, colocam imenso dinheiro preso por um pedaço de sebo que os concorrentes tentam recuperar. Na verdade, existem apenas duas estratégias. De estômago, rastejando devagar, um pequeno impulso para a frente, deslizar novamente. Isso normalmente falha. Em vez disso, a solução parecia ser deslizar o mais rápido possível, apanhar o máximo de dinheiro possível, enquanto se iniciava uma descida em direção ao Atlântico gelado. Ao emergir, recolhem-se as notas largadas pelo choque do frio. As gaivotas circulam acima, mergulhando para o sebo flutuante. Não, nunca experimentei isso.

A minha avó ainda morava na casa onde o meu pai cresceu. Uma pequena casa de dois andares com três quartos e uma vedação branca. Atrás dela, floresta, floresta sem fim. Do outro lado da rua ficava a loja do meu avô, a Page's Store. Ainda lá está, embora eu não tenha a certeza que nome tem agora. E agora tem também uma bomba de gasolina.

Os quartos no andar de cima estavam ligados por um armário que se estendia de um quarto ao outro. Quando era criança, eu fugia para dentro dele, viajando para uma dimensão imaginária; a porta era tão pequena que parecia ter sido feita para mim. Eu puxava a corrente da lâmpada, iluminando a minha coleção

de tesouros. Tudo parecia muito cinematográfico. Eu olhava para as caixas de balas, inspecionando-as, o olho fechado como um joalheiro, fascinado com o facto de algo tão minúsculo poder matar os cervos que via a correr pela floresta. Os seus corpos estoicos em movimento, aparentemente demasiado magníficos para caírem sobre algo tão pequeno.

— Dennis, o que vais fazer se a Ellen for fufa? — perguntou a minha avó ao meu pai quando todos nos sentámos na marquise. A sua voz, aquele mesmo tom agudo que ela usava quando dizia coisas racistas.

Na versão de ironia de Alanis Morissette, esta era a mesma avó que me deu um urso com arco-íris nas patas e nas orelhas quando nasci. Tinha dezasseis anos e rapara recentemente a cabeça para um filme. Estava a dar um jogo dos Blue Jays; basebol era o seu desporto favorito e Toronto a sua equipa do coração, ou seria Boston? Essa foi uma das últimas vezes que vi a minha avó antes de ela falecer. Questiono-me sobre o que iria ela pensar do neto agora se ainda estivesse viva. Duvido que ainda me desse arco-íris. Porém, algumas pessoas mudam.

O sucesso de *Juno* coincidiu com pessoas da indústria a dizer-me que ninguém poderia saber que eu era *queer*. Que não seria bom para mim, que eu deveria ter opções, confiar que isso era o melhor. Por isso, usei vestidos e maquilhagem. Fiz sessões fotográficas. Mantive a Paula escondida. Estava a lutar contra uma depressão e tinha ataques de pânico tão fortes que me faziam colapsar. Mal conseguia funcionar. Entorpecido e em silêncio, unhas no estômago, era incapaz de articular a profundidade da dor que sentia, principalmente porque «os meus sonhos estavam a tornar-se realidade», ou pelo menos era o que me diziam. Descartei os meus sentimentos chamando-lhes dramáticos, repreendi-me por ser ingrato. Sentia-me demasiado culpado, incapacitado, para dizer que estava a sofrer, que não via futuro.

Liguei à minha agente depois de ler o artigo de Michael Musto, apenas para ser confrontado com um *post* de um blogue que acompanhava o tema a detalhar o telefonema deles.

— Não é mau questionar-se sobre se alguém é gay? — gritei-lhe, furioso.

Claro que não era apenas mau questionar-se sobre se alguém é gay. O que era irrefletido e perigoso, isso sim, era escrever algo sem qualquer preocupação sobre a jornada de um jovem *queer*.

Juno estreou no Festival Internacional de Cinema de Toronto com uma recepção calorosa. Eu não tinha um assessor de relações públicas na altura. Decidi que poderia ir sozinho depois de uma experiência anterior em que uma pergunta inocente de uma adolescente — «Já viste a *Xena*?» — foi respondida com «Não, porque não sou lésbica». Fiquei feliz por já não estar a trabalhar com aquela assessora — os seus comentários são exemplos emblemáticos da Hollywood para a qual nos alertam. Artificial, vazia, homofóbica. Ainda assim, eu não estava preparado ou não tinha experiência suficiente para enfrentar aquela nova fama sozinho.

Crescer como ator no Canadá é diferente, especialmente na altura em que cresci. O Canadá não tinha a capa brilhante. Não éramos tão obcecados em ser brilhantes. A insistência no disfarce veio principalmente com *Juno*.

Eu estava a planear usar calças de ganga e uma camisa tipo *western* para o lançamento mundial de *Juno*. Achei que era um visual fixe, e tinha uma gola. *Isso é chique, certo?*, pensei. Quando a equipa de publicidade da Fox Searchlight soube da minha roupa, levaram-me com urgência à Holt Renfrew na Bloor Street, numa corrida dramática característica do sistema circulatório de Hollywood. Sugeri um fato. Disseram que eu deveria usar vestido e saltos altos. Depois de discutirem isso com o realizador, ele ligou-me. Disse que concordava com eles, insistindo para que eu desempenhasse o papel. Michael Cera arrasou vestido com calças, camisa e ténis. Ele parecia-me chique. Pergunto-me porque é que

eles não o levaram à Holt Renfrew? Acho que ele não tinha nada a esconder, foi aprovado. Ele encaixou no papel.

Ser informado de que eu era inadequado, erróneo, o pequeno *queer* que precisava de ser abafado enquanto as pessoas me congratulavam por me repudiar — tudo isto um terreno escorregadio pelo qual eu andava a deslizar há mais tempo do que me conseguia lembrar. E, como uma película colada à minha pele, não consegui lavá-la. Sentia-me compelido a rasgar a minha carne, uma espécie de repreensão — tinha tanta repulsa quanto eles.

Eu estava a passar cada vez mais tempo em Los Angeles. Entrevistas para o filme, reuniões, «temporada de prémios», que na verdade são duas temporadas. De volta a Nova Escócia, outra publicação investigou a minha sexualidade, talvez numa tentativa de ganhar o «sorteio da sexualidade» de Michael Musto. A «revista» *Frank*, publicada em Halifax desde 1987, considerava-se uma publicação satírica, mas na verdade não passava de mais uma revista cor-de-rosa. Eu estava em Santa Monica quando o meu pai me ligou a contar que eu estava na capa, uma fotografia minha em Sundance com um título gigante que dizia: «SERÁ ELLEN PAGE GAY?»

Eu passei-me. Na cama, na casa de um amigo, fechei os olhos molhados, apertando-os, as faces lavadas em lágrimas — *por favor, que isto seja um sonho. Por favor.*

Quando voltei a Halifax, a revista estava por todo o lado. Sempre à vista no supermercado, na bomba de gasolina, na mercearia da esquina... e lá estavam todos, a fazer a pergunta — «SERÁ ELLEN PAGE GAY?» A Paula virava-as a todas. Escondia-as atrás de outras revistas. Uma vez ela roubou um molho de uma bomba de gasolina na zona sul.

A liberdade que senti durante o meu verão com a Paula estava a chegar ao fim.

No interior da revista havia uma fotografia que incluía a Paula. Um pequeno grupo nosso numa festa. Lembro-me daquela noite, uma reunião num apartamento de um dos condomínios

monótonos que continuam a dominar Halifax. O artigo especulava se estaríamos num relacionamento ou não, escrutinando os rumores. A Paula ainda não se tinha assumido abertamente à família. Ao olhar para aquela fotografia, uma constatação: *um amigo deve ter-lhes enviado isto*. Nunca soube quem.

RAPAZ

Fizemos *match online*, a minha primeira vez numa aplicação de encontros, a minha primeira vez num encontro enquanto pessoa trans. Depois do jantar no Meatpacking District, apanhei o comboio para Midtown para encontrar-me com a Sara e os seus amigos. Estava nervoso, mas com energia; estas aventuras espontâneas eram uma novidade para mim.

O bar era foleiro, mas eu gostei. Ao procurar por ela, os meus olhos detiveram-se num grupo de mulheres. Estavam sentadas em bancos numa mesa alta, tendo já bebido um pouco. Eu odeio bancos altos; não combinam com as minhas pernas curtas. As mulheres cumprimentaram-me gentilmente, dando-me as boas-vindas, puxando-me outro banco.

Eram todas lindas, altas, com cerca de um metro e oitenta. Eu não estava certo em relação ao meu *match* com a Sara. Estariam elas apenas um pouco tocadas, a passar fotografias pela aplicação, confusas com a minha presença por lá? O rapaz trans. Passariam por todos os gajos cis, os produtores bonzões, atletas profissionais, médicos e depois parariam na minha fotografia — um momento de desgosto, alegria ou ambos?

Pedi uma tequila com cola, gelo e limão. Havia televisões ligadas, restos de comida espalhados sobre a mesa. Bebi a minha bebida e pedi outra.

— Nova Escócia — disse, respondendo ao obrigatório «De onde és?». — Fica no Canadá — acrescentei.

— O quê? Achei que fosse na Escandinávia ou algo assim — respondeu uma das amigas.

Terminei a minha segunda bebida e saí para fumar um charro. A Sara seguiu-me.

— Quando é que soubeste? — perguntou quando estávamos na rua, encostados à parede.

Ela pairava sobre mim. Por um breve momento, questionei-me sobre o que ela queria dizer. É algo que me perguntam com frequência, e não é algo que deseje durante uma noite casual. Tinha vivido esse interrogatório quando era uma mulher *queer*, mas como homem trans é perpétuo. Código para: não acredito em ti.

Soube quando tinha quatro anos. Andei na pré-escola YMCA no centro de Halifax, na South Park Street, em frente ao Public Gardens. O edifício, entretanto demolido e substituído, tinha uma fachada de tijolos escuros. Inicialmente, percebi que não era uma rapariga. Não no sentido consciente, mas no sentido puro, não contaminado. Essa sensação é uma das minhas memórias mais antigas e claras.

A casa de banho ficava ao fundo do corredor da sala da minha turma da pré-escola. Eu tentava fazer chichi de pé, presumindo que essa seria a melhor opção para mim. Pressionava a vagina, segurando-a, beliscando e apertando-a, à espera de conseguir fazer mira. Sujei a divisão, mas, em todo o caso, a casa de banho cheirava frequentemente a urina.

Fiquei perplexo com a minha experiência, diferente das outras raparigas, revirando o estômago quando olhava para elas. Lembrou-me de uma em particular, a Jane. O seu longo cabelo castanho, a forma como sabia desenhar, os seus olhos focados e ainda em modo de concentração. Eu invejava as suas habilidades artísticas. Quando eu desenhava uma pessoa, os membros projetavam-se para fora da cabeça, braços pareciam galhos, havia linhas finas no lugar dos dedos. Pernitas de frango com ténis gigantes. Porém, a Jane desenhava um corpo, uma barriga, um umbigo. Eu estava paralisado. A minha primeira paixão, mas eu sabia que não era como ela.

— Posso ser um menino? — perguntei à minha mãe aos seis anos.

Na altura morávamos na Second Street, a apenas alguns minutos a pé do nosso antigo apartamento num sótão na Churchill Drive. Era um apartamento térreo numa rua arborizada, com dois quartos, piso de madeira e uma adorável e pequena área de estar com grandes janelas. Eu sentava-me à frente da televisão durante horas a jogar Sega Genesis — *Aladdin*, *NHL '94*, *Sonic the Hedgehog* — rogando a Deus, quando estava encostado às cordas, pelo máximo de força para me ajudar a ganhar o jogo. Não há ateus nas trincheiras.

— Não, querida, não podes, tu és uma menina — respondeu a minha mãe. Fez uma pausa, sem tirar os olhos dos panos que estava a dobrar metodicamente, antes de acrescentar: — Mas podes fazer tudo o que um menino pode.

Um a um, empilhando-os ordenadamente no seu lugar.

Isso fez-me lembrar de como ela ficava quando pedia um Happy Meal para mim no McDonalds. Eu insistia sempre para ter o «brinquedo dos meninos» — um suborno agradável e apropriado. O desconforto da minha mãe ao pedir o brinquedo era palpável, e soltava uma espécie de gargalhada tímida, com laivos de vergonha a fazerem-se notar. Frequentemente, eles davam um brinquedo de menina de qualquer maneira.

Aos dez anos, as pessoas começaram a tratar-me como um menino. Depois de vencer uma batalha de um ano para que me cortassem o cabelo curto, comecei a receber um «obrigado, amigo» ao segurar a porta a alguém no centro comercial de Halifax.

Não ser um menino era um mistério para mim. Eu contorciam-me em todas as roupas que eram minimamente femininas. Todos à minha volta viam uma pessoa diferente da que eu via, por isso, durante grande parte da minha infância preferi ficar sozinho. Brinquei bastante sozinho. Chamei-lhe «brincadeira privada».

— Mãe, vou fazer uma brincadeira privada agora — dizia enquanto marchava escada acima para o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Eu adorava figuras de ação — Batman e Robin, Capitão Gancho e Peter Pan, Luke Skywalker, duas Barbies do Happy Meal cujo cabelo eu cortei. O «brinquedo de menina» a ir para o saco, apesar do pedido de «brinquedo de menino». Eu era um estereótipo ambulante, mas não da maneira que a minha mãe queria.

Ao desaparecer durante horas para as brincadeiras privadas, construí fortes no meu beliche. Era de metal, grades alinhadas ao fundo da cama do beliche de cima, e eu pendurava cobertores e toalhas, construindo divisões. Uma pequena cozinha, um quarto em miniatura. Fugindo por entre as narrativas complexas e apaixonadas, o perigo espreitava, eu pendurava-me no beliche de cima, como se estivesse pendurado num penhasco, a olhar para a morte, recorrendo a todas as minhas forças para me colocar em segurança.

Romances imaginários que floresciam. Eu escrevia cartas de amor à minha namorada falsa do outro lado do chão de lava, sempre com a assinatura: *Love Jason*. Contava-lhe sobre as minhas aventuras lá fora, como ansiava por ela, gostava dela, como precisava dela nos meus braços.

Aqueles foram alguns dos melhores momentos da minha vida, a viajar para outra dimensão onde eu era... eu. E não apenas um menino, mas um homem, um homem que poderia apaixonar-se e ser amado. Porque perdemos essa capacidade? De criar um mundo inteiro? Um beliche era um reino, eu era um menino.

A minha imaginação era uma tábua de salvação. Foi onde me senti mais livre, inconsciente, real. Não uma visualização, muito mais natural. Não um desejo, mas um entendimento. Quando eu estava presente comigo mesmo, eu sabia, sempre. Por isso, eu via com uma clareza surpreendente. Sinto falta disso.

A brincadeira privada era semelhante a ser ator, a sensação era uma espécie de paradoxo. A minha confiança na minha imaginação conduziu-me pela vida. Talvez eu tenha andado a perseguir esse sentimento desde então. «Atuar, encontrar uma personagem,

é como estar possuído», disse Samantha Morton uma vez. Mais tarde, quando eu tinha dezasseis anos, a sua atuação no filme de Lynne Ramsay *A Viagem de Movern Callar* tornar-se-ia uma das minhas maiores inspirações. A quietude, a subtileza, o poder do silêncio.

Antes de o meu gosto por cinema me levar a filmes como *Ratcatcher* e *A Viagem de Movern Callar*, eu estava preso a filmes de catástrofes. Aluguei *Anaconda* no meu décimo primeiro aniversário; não era um filme de catástrofes, mas quase. A Anna, uma rapariga da minha turma, veio para uma festa do pijama. Saímos de casa, numa caminhada curta e fria, atravessando a avenida até à Isleville Street, a relva rija e congelada, a ranger sob os nossos pés. O clube de vídeo ficava num pequeno prédio de tijolos. Percorremos os corredores, avaliando as capas. Após o desaparecimento das cassetes VHS e dos DVD, tornou-se um salão de beleza. Depois do salão, não tenho a certeza. O prédio já não existe.

Voltámos para casa, agarradas ao nosso prémio, ansiosas, à espera de que J.Lo, Ice Cube e Owen Wilson enfrentassem a maior e mais mortal cobra do mundo.

«Elas atacam, enrolam-se a ti. Apertam-te com mais força do que o teu verdadeiro amor. E tu tens o privilégio de ouvir os teus ossos a partirem-se antes que a força do abraço faça com que as tuas veias expludam.»

Todos os rapazes gostavam da Anna, inclusive eu. Amigos desde a primária, íamos juntos para a escola e jogávamos na mesma equipa de futebol, o Halifax City Celtics. Ela era defesa, tipicamente de direita. Jogámos *Aladdin* durante horas no Sega Genesis. Saltámos na cama dela, a cantar a música dos Aqua em uníssonos.

I'm a Barbie girl, in the Barbie World
 Life in plastic, it's fantastic
 You can brush my hair, undress me everywhere
 Imagination, life is your creation.

Muitas vezes sonhei em ser o Aladino. Mas não era pelo tapete, nem pelos desejos, nem pelo macaquinho, mas sim por saber como é tocar delicadamente numa rapariga. Um brilho de romance. Lembro-me de me sentar num muro com a Anna depois da escola, à espera de que a minha mãe me fosse buscar. Sentámo-nos com as pernas a balançar, a olhar para a rua tranquila e arborizada. Deslizei o meu corpo para ficar mais perto do dela, mal lhe tocando, sentindo o cimento a raspar contra mim. Preparava-me para colocar a minha mão na sua coxa quando ela perguntou:

— O que estás a fazer?

O corpo dela recuou como se tivesse sido tocado por um ferro de solda. Ela não se mexeu depois disso, nem falou, nem eu. Depois, a mãe dela veio buscá-la. Eu e a Anna distanciámo-nos. Ela tornou-se muito popular e eu, como podes imaginar, não.

Ainda assim, não demorou muito até eu começar a explorar sexualmente, mas invariavelmente com rapazes. O meu primeiro beijo aconteceu com um rapaz chamado Justin. Ele parecia uma personagem de *O Senhor dos Anéis*, o filho elfo de Cate Blanchett ou algo assim. Ele construiu um forte à volta da sua cama e, como pequenos espeleólogos, rastejámos até ao interior e foi aí que nos beijámos, ao som de Kenny G. O cão da sua família era pequeno, branco e horrível, tão mau. Secretamente, eu alimentava o cão debaixo da mesa, depositando as minhas esperanças numa batata frita molhada, a implorar para que ele gostasse de mim, ou pelo menos me tolerasse.

Trocámos bilhetes na escola. Uma sensação nova, um arrepio na coluna; como é que um pedacinho de papel com algumas frases me alterou daquela maneira? Arriscado e emocionante, acrescentou algo poético aos dias, transcendendo o mundano. Talvez não exatamente certo, mas um caminho que eu não conseguia parar de percorrer. Um professor intercetou um bilhete:

Encontra-me no canto do campo e eu dou-te outra massagem.

Bloqueei, senti o rosto a arder de vergonha, mas o Justin, sendo um génio maldito, disse que pretendia escrever «mensagem»; porém, soletrou incorretamente. O professor acreditou.

Eu estava com o Justin a primeira vez que me chamaram paneleiro. Estávamos encostados às árvores do Fort Needham Park. O local arde-me na memória. Fort Needham foi estabelecido durante a Guerra Revolucionária Americana. Tinha vista para o que é hoje o North End de Halifax, onde cresci. Agora, uma torre sineira fica no cimo dessa colina, construída em memória da explosão de Halifax. Um grande desastre esquecido pela maior parte das pessoas, mas que literalmente moldou toda a paisagem da minha infância, com evidências por todos os lugares onde eu andava.

A explosão de Halifax a 6 de dezembro de 1917 envolveu um navio socorrista belga, o *Imo*, e um navio de munições francês, o *Mont-Blanc*, que continha 250 toneladas de dinamite, 62 toneladas de algodão-pólvora para armas, 246 toneladas de benzol e 2366 toneladas de ácido pícrico. A carga pesava mais de dois milhões de toneladas. Treze vezes o peso da Estátua da Liberdade.

Conforme detalhado no livro de John U. Bacon *The Great Halifax Explosion*, os navios que transportavam munições para a Europa normalmente hasteavam uma bandeira vermelha para indicar a carga, mas, devido aos afundamentos de navios militares feitos pelos submarinos alemães, o *Mont-Blanc* não o fez. Apenas cinco pessoas na cidade tinham conhecimento da carga naquele navio. Ao amanhecer, enquanto o *Mont-Blanc* se dirigia discretamente para o porto de Halifax, o *Imo* preparava-se para a sua viagem. Estava um dia atrasado, à espera de um carregamento de carvão, e o capitão do *Imo* aventurava-se agora a sair, chateado com o tempo perdido. Ao aproximar-se da parte mais estreita do porto, acelerou ao longo do lado errado. Um jogo simétrico começou. Um capitão tomou a decisão de última hora de virar. O mesmo aconteceu com o outro, e colidiram.

As pessoas correram em direção ao porto e às suas janelas enquanto gigantescas nuvens de fumo subiam, sem saberem da carga do navio. O *Mont-Blanc* ardeu durante quase vinte minutos e depois explodiu, nivelando todo o North End, mais de 2,5 quilômetros quadrados destruídos. Mais de 1500 pessoas morreram de imediato, desmembradas, com as roupas arrancadas dos corpos. Vaporizadas. O navio foi projetado tão alto que, ao cair, causou um tsunami de dez metros, levando corpos que jamais seriam encontrados. A explosão foi tão intensa que foi estudada durante o Projeto Manhattan para criar a bomba atômica, facto mantido em segredo durante décadas.

Os sobreviventes gritaram por ajuda perante a enormidade da destruição. Feridos e a morrer. Era de manhã; os fogões a lenha tinham estado acesos e os escombros incendiaram. O fogo envolveu as ruínas, as pessoas gritavam por auxílio, as chamas aproximavam-se rapidamente. Os sobreviventes contaram que a pior lembrança que tinham da tormenta era o som da agonia, os gritos guturais vindos daqueles que estavam presos por baixo dos escombros. As pessoas foram forçadas a fugir, o fogo espalhou-se. Pais a deixar filhos, um amante a deixar a sua alma gémea. Pelo menos duas mil pessoas morreram e mais de nove mil ficaram feridas naquela que foi a maior explosão provocada pelo homem antes da bomba atômica.

E foi aí que me sentei a dar um beijo, décadas depois.

Juntos na base das coníferas, uma garrafa de licor vazia ao nosso lado, talvez deixada por outros dois amantes. Tocando-se. Beijando-se. Agarrando-se um ao outro. Éramos dois rapazes e parecíamos dois rapazes.

— O que é que vocês são, paneleiros de merda?

Um grupo de adolescentes vinha na nossa direção. Paneleiros. Paneleiros. Paneleiros.

Eram maiores, ameaçadores, cruéis.

— Paneleiros. Vamos espancar-vos.

— Eu sou uma rapariga — disse-lhes.

— Oh, então o que é que tu és? Um extraterrestre? — cuspiram eles ao Justin.

Algo nos fez clique e começámos a correr. Não iam ser apenas palavras. As nossas pernas debatiam-se enquanto descíamos a colina. Eletricidade no estômago. A cada passo, uma salvação.

Fugi para a casa da minha *babysitter*, pensando que era uma escolha mais sábia do que ir para a minha. Não havia tempo para olhar por cima do ombro, as vozes continuavam a aproximar-se. Milagrosamente, chegámos ao alpendre dela. Eu conseguia ouvir o seu *Lhasa apso*, *Bubba*, a ladrar. Os rapazes pararam. Ela veio à porta, o nosso pânico era evidente. Ela olhou para o grupo de rapazes, a compreensão a surgir-lhe nos olhos.

— Vão-se foder, seus merdas!

Ainda consigo ver, ela a gritar com eles, era raro sentir proteção. Enquanto crescia, aprendi que a explosão do *Mont-Blanc* foi um «acidente», um «erro». Dois navios colidiram e um tinha explosivos e foi isso. Não foi um acidente, porém — foi uma consequência da guerra.

A explosão criou milhares de órfãos de um dia para o outro. As pessoas perderam as casas e tinham fome. A igreja de Saint Paul serviu mais de dez mil refeições naquele mês. O pai da minha mãe, que morreu quando ela tinha dezasseis anos, foi pastor da zona durante anos. Evidentemente que a Saint Paul sobreviveu à explosão, mas as janelas partiram-se, juntamente com todas as janelas de Halifax, enquanto muitos tinham os rostos próximos, a olhar para o fumo que subia.

Imagino a carnificina, a neve vermelha, uma matança apocalíptica. Para onde foi todo esse trauma? Crianças de repente sem pais, a caminhar no meio de uma devastação indescritível. O que é que as pessoas *queer* fizeram depois da tragédia? Aqueles que perderam amantes secretos. A dor fechada.

UM LIVRO DE MEMÓRIAS DISRUPTIVO DO CONCEITUADO ATOR ELLIOT PAGE

«Posso beijar-te?» Faltavam dois meses para a estreia mundial do filme *Juno* e Elliot Page estava num bar gay pela primeira vez. Sentia o peso do ar quente de verão sobre si enquanto olhava para ela. E então aconteceu. À frente de todos. Ali estava ele, prestes a descobrir-se como uma pessoa trans. A ir ao encontro dos seus desejos, dos seus sonhos, de si mesmo, sem a repressão que carregou por tanto tempo.

Com o enorme sucesso de *Juno*, Elliot tornou-se um dos atores mais acarinhados do mundo. Os seus sonhos estavam por fim a realizar-se, mas a pressão para representar sufocava-o e a carreira, que tinha sido uma fuga da realidade para um mundo imaginário, de repente transformou-se num pesadelo. Ao lidar com as críticas e os abusos de algumas das pessoas mais poderosas de Hollywood, Elliot mantinha-se frequentemente em silêncio, sem saber o que fazer, até atingir o seu limite.

Pageboy é uma ode à coragem de nos libertarmos das expectativas dos outros e assumirmos quem realmente somos.

Importante representante de uma geração e um dos mais famosos defensores do movimento trans da atualidade, Elliot Page passará agora a ser também conhecido como uma invulgar voz literária, ao partilhar pormenores inéditos e questões íntimas sobre género, amor, saúde mental, relacionamentos e Hollywood.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinlivros

ISBN 9789896239374



9 789896 239374 >